



Andreazza recebe os três reféns: Sidnei Possuelo (ao centro), Lamartine de Oliveira e Carlos Grossi, abraçado à esposa

## Caciques do Xingu libertam reféns e vão hoje a Brasília

**MEMÉLIA MOREIRA**  
Enviada especial à aldeia de Cretire

Sob um sol escaldante de 38 graus, às margens do rio Xingu, corpos inteiramente pintados de negro do jenipapo, 80 guerreiros, em silêncio, ouviram na manhã de ontem a leitura das três portarias assinadas pelo governo, pondo fim a uma guerra que durou 42 dias. Voz pausada, Megaron, o futuro cacique txucarramãe, explicava os termos técnicos das portarias:

"Prometi para ministro Venturini que hoje (ontem) mesmo eu dava resposta. Vocês concordam com isso? Concordam em soltar os prisioneiros?", perguntou Megaron, dirigindo-se aos 19 caciques. Não houve resposta imediata. Por alguns segundos só se ouvia o ronco de mais um avião que pousava na aldeia de Cretire.

O silêncio foi rompido por um longo grito de guerra do cacique Crumari, um dos mais velhos chefes txucarramãe da aldeia de Jarina. O grito foi acompanhado de palmas. Estava decidida a liberação dos reféns, mas os índios resolveram dar mais uma lição aos brancos, avançando contra os jornalistas.

Foram instantes de tensão. Animados pelo grito de Crumari e já vitoriosos de uma guerra que abalou nervos em Brasília e no Xingu, os guerreiros cercaram repórteres (três mulheres), cinegrafistas e fotógrafos, distribuíram algumas bordunadas, ameaçaram com suas flechas já armadas e, tão rapidamente quanto fecharam o cerco, liberaram os jornalistas assustados e curiosos.

### Mapa no chão

Os guerreiros estavam com pressa. Queriam saber tudo ao mesmo tempo e estenderam o mapa do Parque do Xingu no chão. Megaron, auxiliado pelos demais caciques, foi mostrando até onde se estende agora as terras xinguanas. Na margem esquerda do rio, a reserva vai até o Capoto, nas proximidades da cachoeira Von Martius. E na margem direita, de acordo com a portaria assinada pelos ministros Mário Andreazza, do Interior, e Danilo Venturini, dos Assuntos Fundiários, os índios têm agora 15 quilômetros de largura por 70 quilômetros de comprimento.

Lamartine Ribeiro, Sidnei Possuelo e Carlos Grossi, os três reféns, foram chamados para ajudar a discutir o mapa. Durou pouco tempo a discussão. Os caciques perceberam então que a área conquistada durante a guerra poderia ser unificada, bastando que o governo estendesse o comprimento da faixa neutra em mais 30 quilômetros. A faixa, com 15 quilômetros de largura, poderia ter 100 quilômetros de comprimento. E hoje todos esses caciques virão a Brasília dizer que concordam, sob a condição de ver ampliado o comprimento da faixa de isolamento. A reivindicação não é difícil de ser atendida. Nessa área não há fazendas.

### Expulsão secular

Ainda com o mapa estendido no chão, festejando a vitória, Prepori, cacique cajabi, inicia um longo discurso: "Capoto sempre foi nosso. Sempre quis Capoto. Branco rouba tudo, toma toda terra de índio. Branco chegou na Bahia e expulsou índio de lá. Era pouco branco, muito índio, botaram irmão nosso pra fora. Índio foge pra mata, morre de fome. Branco chega no Rio de Janeiro, expulsa índio. Corre índio pra todo lado. Agora, no fundo da terra, branco fica querendo tirar índio desse pouquinho de terra nossa".

Prepori, em seu discurso, resumia para os jovens guerreiros a história da ocupação portuguesa iniciada no século 16, dizendo ainda que "hoje família de índio vive tudo separado. Irmão cajabi meu está noutra lugar de Mato Grosso. Crena-carore (nação contatada em 1972 e levada para o Parque do Xingu em 1975) safu de terra sua e morreu muito. Morreu

### Libertados são antigos funcionários da Funai

Da Sucursal de Brasília

Os reféns libertados ontem pelos índios são antigos e experientes funcionários da Funai. Eles foram ao posto de Cretire tentar uma negociação, mas chegaram às escondidas e foram presos. Os três sabiam do risco da missão. Mesmo assim decidiram enfrentá-la. Lamartine Ribeiro é superintendente da Funai, tem 39 anos e trabalha no órgão tutor há 14. Começou como chefe de posto, entre os caiapó do Pará e há nove meses foi nomeado superintendente executivo. Durante todo o episódio procurou negociar com os índios, ao contrário do ex-presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima.

O sertanista Sidnei Ferreira Possuelo é paulista. Tem 43 anos e começou seu trabalho com os índios acompanhando os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas. Participou de expedição de contato dos crena-carore, dos maiá, no Solimões. Dirigiu os parques indígenas do Araguaia e do Xingu. Atualmente é coordenador das frentes de atração da Funai. Carlos Grossi tem 34 anos. É o mais jovem dos reféns. Tem experiência com índios aculturados da região Leste, tendo exercido o cargo de delegado da Funai em Governador Valadares (MG). Atualmente é diretor do Departamento de Assistência ao Índio.

criança, morreu homem, mulher. Índio fica pouquinho. Branco tem que aprender", gritava Prepori, batendo com sua borduna no chão e mostrando-se disposto a continuar a guerra.

Crumari, com um cocar de penas verdes, também discursou, perguntando até quando a nação caiapó vai viver separada: "Irmão nosso, cuben craincren, gorotire, cocraimoro, tudo espalhado. Branco chegou aqui e separou nosso povo. Agora caiapó tudo longe. Visitar irmão tem que passar escondido na mata, fugindo das fazendas. Não está certo. Terra caiapó tem que ser uma só. Não pode ficar dividida".

### Feliz

Alheio a todos os discursos e preocupado com os jornalistas, só um cacique não dizia nada. Era Raoni, o guerreiro Raoni que desde 1971 luta para recuperar as terras perdidas no limite norte do Parque do Xingu, promovendo ataques para mostrar aos brancos que "caiapó é brabo e sabe defender sua terra".

Raoni apenas sorria. Ontem ele saboreava uma vitória esperada há muitos anos. Calção preto, da cor de sua pintura corporal, cachimbo enfi-

ado no elástico do calção, Raoni apontava para o mapa: "Agora podemos ficar com o Capoto. Capoto é terra nossa. Capoto é importante. Tem mais caça, mais arara, mais árvores. Vamos fazer festa grande no Capoto".

De fato, mais do que a demissão de Otávio Ferreira Lima da presidência da Funai e dos 15 quilômetros de largura na margem direita do Xingu, separando o parque das fazendas, o Capoto é a maior conquista dos xinguanos. Lá, ouvindo o ruído da cachoeira Von Martius, no meio de uma floresta ainda intacta, os txucarramãe realizam seus rituais sagrados. E agora eles não precisam mais se preocupar em invadir fazendas para chegar ao Capoto. O governo reconheceu o direito dos índios para uma terra imemorial dos txucarramãe.

### Despedidas e recepção

Abatidos, sujos e bem mais magros do que há 20 dias, os três reféns se prepararam para o retorno. Foram longas despedidas, agradecimentos e por terem sido bem tratados e promessas de voltarem para a festa da vitória. Sidnei Possuelo, Lamartine Ribeiro e Carlos Grossi foram unânimes: "corremos risco de vida". Eles são unânimes também em admitir que os índios têm razão em reivindicar a terra.

As 16h15 da tarde de ontem, os reféns desembarcaram em Brasília e foram recebidos pelo ministro do Interior, Mário Andreazza, e seus principais auxiliares, além das famílias que não esconderam o nervosismo e a emoção de ver os prisioneiros vivos e longe da aldeia onde há 20 dias chegaram tentando negociar.

Grávida, um rosto feliz e apreensivo, Bete, a esposa do sertanista Sidnei Possuelo, disse apenas: "Eu só queria que ele tivesse firmeza até o fim". E Sidnei, que já enfrentou diferentes situações de tensão, declarou: "O importante desse episódio foi o desfecho, pois pela primeira vez, numa luta política, os índios venceram sem precisar matar".

Emocionado, o ministro do Interior abraçou todos os reféns e admitiu que "os índios cumprem sua palavra. Agora devo cumprir a minha", enquanto o deputado Mário Juruna (PDT-RJ), porta-voz das comunidades indígenas, dizia: "Se branco soubesse brigar como nós, já tinha tirado tudo quanto é ministro ruim, gente ruim que massacra o povo".

Hoje chegam a Brasília 19 caciques do Xingu, entre eles, Melobó, dos txição e Cocrid, dos crena-carore, índios que nunca viram uma cidade grande. Eles vão discutir detalhes menores, como a liberação da balsa, que voltará à estrada na próxima segunda-feira e será, a partir de agora, controlada pelos índios, sob o comando do líder Bedjai.